

# Luto não legitimado de pessoas transexuais no processo de adequação de gênero

Unlegitimate grief of transsexual people in the gender adjustment process

Duelo ilegítimo de las personas transexuales en el proceso de ajuste de género

Recebido: 17/11/2023 | Revisado: 23/11/2023 | Aceitado: 24/11/2023 | Publicado: 27/11/2023

**Angela Cristina Borges Bezerra**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5249-0239>  
Centro Universitário de Cascavel, Brasil  
E-mail: [angelacsb34@hotmail.com](mailto:angelacsb34@hotmail.com)

**Rodrigo Luis Vogt**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7024-7207>  
Centro Universitário de Cascavel, Brasil  
E-mail: [rodrigo.vogt@univel.br](mailto:rodrigo.vogt@univel.br)

## Resumo

Nas margens do luto não legitimado, onde a sociedade muitas vezes silencia as dores singulares. Nesta pesquisa será abordado o fenômeno do luto não legitimado em pessoas transexuais durante, e após, o processo de adequação de gênero. O luto carrega em si a representação de sentimentos de tristeza resultante do falecimento de alguém, atrelado a dor e angústia. Ademais, a identidade de gênero e a transexualidade são abordadas, destacando a importância da despatologização e aceitação social. A pesquisa busca compreender as complexidades de tal luto e suas respectivas implicações devido ao não reconhecimento, visando melhorar o suporte psicológico, aumentar a conscientização pública e promover a inclusão social das pessoas transexuais. Utilizou-se da metodologia de grupo focal para realização desta pesquisa, onde, a partir de relatos dos participantes, foi possível coletar informações acerca do tema pesquisado.

**Palavras-chave:** Luto; Transexualidade; Identidade de gênero; Apoio psicológico; Inclusão social.

## Abstract

On the margins of non-legitimized grief, where society often silences singular pains, this research will address the phenomenon of non-legitimized grief in transgender people during and after the gender adjustment process. Mourning carries with it the representation of feelings of sadness resulting from someone's death, linked to pain and anguish. Furthermore, gender identity and transsexuality are addressed, highlighting the importance of depathologization and social acceptance. The research seeks to understand the complexities of such grief and its respective implications due to non-recognition, aiming to improve psychological support, increase public awareness and promote the social inclusion of transgender people. The focus group methodology was used to carry out this research, where, based on participants' reports, it was possible to collect information about the researched topic.

**Keywords:** Grief; Transsexuality; Gender identity; Psychological support; Social inclusion.

## Resumen

Al margen del duelo no legitimado, donde la sociedad a menudo silencia dolores singulares, esta investigación abordará el fenómeno del duelo no legitimado en personas transgénero durante y después del proceso de adaptación de género. El duelo lleva consigo la representación de sentimientos de tristeza producto de la muerte de alguien, vinculados al dolor y la angustia. Además, se aborda la identidad de género y la transexualidad, destacando la importancia de la despatologización y la aceptación social. La investigación busca comprender las complejidades de ese duelo y sus respectivas implicaciones por el no reconocimiento, con el objetivo de mejorar el apoyo psicológico, aumentar la conciencia pública y promover la inclusión social de las personas transgénero. Para la realización de esta investigación se utilizó la metodología de grupos focales, donde a partir de los relatos de los participantes se logró recolectar información sobre el tema investigado.

**Palabras clave:** Duelo; Transexualidad, Identidad de género; Apoyo psicológico; Inclusión social.

## 1. Introdução

O luto tende a ser uma jornada complexa, que nos desafia a compreender a essência da perda e a resiliência dos sentimentos humanos. No dicionário Michaelis (2023, N.p) a definição de luto é “Sentimento de pesar ou tristeza pela morte de

alguém ou Tristeza profunda causada por grande calamidade; dor, mágoa, aflição”. Entretanto, para a psicologia, o conceito amplia-se em seus sentidos e contextos.

Freud, ao abordar o luto em sua obra *Luto e Melancolia* (1915), defende que este não se restringe apenas à perda de um ente querido, mas pode tratar-se também de qualquer perda que seja significativa o suficiente para gerar sofrimento na pessoa enlutada. Freud (1915) considera o luto como um processo emocional, psicológico, natural e constante ao longo do desenvolvimento humano (Santos et al., 2013). Por conseguinte, o luto pode ser um processo doloroso, e pode passar por uma melhora após um tempo. Mesmo não sendo considerado uma doença, o luto tem uma interface patológica, sendo uma condição multifatorial, onde interferências podem causar um quadro mais intenso e/ou profundo, tornando-se algo prejudicial (Freud, 1915).

Melanie Klein (1940) também aborda o luto como uma experiência de perda de um objeto, porém, Klein acrescenta uma visão voltada não somente à perda de um objeto concreto, mas também uma perda simbólica. Isso significa que o luto não se restringe apenas a eventos tangíveis, como a morte de alguém, mas, também, pode se relacionar com perdas mais abstratas, como a perda de um ideal, de uma expectativa (Santos et al., 2013). Fato esse que pode estar relacionado até mesmo a perda de uma parte da própria identidade, como nos casos de transição de gênero.

Desde o início do século XX, estudos sobre gênero e sexualidade vem sendo tema de pesquisas e aprofundamentos. Magnus Hirschfeld (1868-1935), médico alemão, homossexual e de origem judaica desempenhou um papel fundamental na diferenciação entre orientação sexual e identidade de gênero, abordando em sua pesquisa o campo da homossexualidade e as diversas manifestações do comportamento sexual. Entre suas contribuições, Hirschfeld foi um dos primeiros a utilizar o termo "transexual" nos estudos científicos (Aguiar, 2020).

Harry Benjamin (1966/1999), aborda o conceito de transexualismo, apoiado nos avanços dos estudos biológicos do século XX, em especial, os estudos genéticos. O autor propõe que não haveria uma divisão absoluta entre "masculino" e "feminino", sendo inadequada a determinação do gênero do indivíduo baseada puramente em suas diferenças anatômicas. Benjamin em 1966, publicou sua obra “*The transsexual Phenomenon*”, nesse momento houve uma mudança de paradigma, pois pela primeira vez a identidade de gênero foi reconhecida de modo distinto da orientação sexual, desprendendo-se de aspectos puramente biológicos (Zerbinati et al., 2020).

Dando continuidade, em relação aos estudos acerca da identidade de gênero, em sua obra “*Problemas de Gênero - Feminismo e Subversão da identidade*”, Judith Butler (2003), aborda que gênero não é uma característica específica e fixa de um sujeito, mas sim uma construção social e comportamental. Segundo Butler a expressão do gênero sugere que as identidades são construídas e mantidas por meio de rituais constantes. Ademais, as pessoas transgêneros, constroem o gênero através de suas ações e comportamentos, ao invés de simplesmente se expressarem de acordo com o sexo estipulado a eles, como o sexo biológico em que a pessoa nasceu (Birman, 2018).

Desse modo, pessoas conhecidas como transexuais, que são tratadas coletivamente como parte do grupo comumente chamados de “transgênero”, ou de maneira popular, trans, projetam suas vivências de um gênero (social, cultural) discordante com o que, culturalmente se esperaria de alguém que nasceu com um determinado sexo biológico (Jesus, 2012).

Geralmente o processo de transição de gênero é iniciado com ou sem ajuda profissional, modificações corpóreas, como mudança na imagem, formas de se vestir, de se comportar, juntamente ao uso de hormônios, entre outros que englobam o externo de cada indivíduo, tornam-se maneiras de buscar o próprio autoconhecimento (Braz et al., 2020). No que tange a hormonização em pessoas transexuais, o uso de testosterona em homens trans, ocasiona maior crescimento de pelos corporais e faciais, alteração da voz, aumento e manutenção de massa corporal. Ao contrário do que se é dito popularmente entre a comunidade LGBTQIAPN+ sobre a hormonização de homens trans serem mais rápidas, o processo é igualmente longo. Porém, por aparecerem mudanças externas mais rapidamente do que a hormonização de mulheres trans, homens que optam por

fazer o processo acabam tendo uma satisfação maior em termos de autopercepção (Souza, et al., 2020). Tratando-se da hormonização em mulheres trans, é utilizado o hormônio estrogênio, que em doses corretas bloqueiam a produção da testosterona, acarretando em um desenvolvimento similar ao que ocorre na puberdade de meninas cis gênero, como o aumento gradativo das mamas, diminuição do crescimento de pelos corporais e redistribuição da gordura corporal (Ribeiro, 2021). Porém, a prática da hormonização sem acompanhamento médico, pode implicar riscos à saúde e levar às sequelas com o passar dos anos (Braz et al., 2020).

Em 1997, o Conselho Federal de Medicina (CFM), através da Resolução 1482/97 aprovou a realização de cirurgia a título experimental de transgenitalização, podendo ser realizada somente em hospitais públicos e universitários do Brasil [...] Obedecendo a definição de transexualismo, respeitando os critérios intitulados [...] Seleção de pacientes através de avaliação multidisciplinar, e com idade acima de 21 (vinte e um anos), [...] consentimento livre e esclarecido segundo a resolução CNS nº 196/96” (CFM, 1997, n.p.). Em 2002 a resolução 1482/97 foi revogada considerando novas medidas como estágio atual dos procedimentos de seleção e tratamento dos casos de transexualismo, com evolução decorrente dos critérios estabelecidos na Resolução CFM nº 1.482/97 e do trabalho das instituições ali previstas, bons resultados cirúrgicos, tanto estéticos como funcionais, obter um diagnóstico e encaminhamento terapêuticos prévios (CFM 2002).

Desta maneira, o processo transexualizador é um conjunto de ações que abrange desde o atendimento ambulatorial, com acompanhamento de médico, psicólogo, assistente social, enfermeiro e até o atendimento hospitalar, no qual estão a cirurgia de redesignação sexual e o acompanhamento pré e pós-hospitalar (Ministério da Saúde, 2013). Assim, ao que se refere a cirurgia, sua intenção de beneficência é baseada em dois princípios: o primeiro deles terapêutico, ou seja, "a busca da integração entre o corpo e a identidade sexual psíquica do interessado"; e o segundo, que se refere aos princípios de autonomia e justiça. Todavia, a possibilidade da mudança de sexo e gênero por meio de tratamentos cirúrgicos e hormonais é uma possibilidade atual, a partir do desenvolvimento científico desde a modernidade (Zerbinati et al., 2020).

Comumente, quando alguém passa pelo processo de transição de gênero, enfrenta uma série de desafios emocionais, como por exemplo a disforia de gênero. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), disforia de gênero é o nome dado às pessoas que sentem angústias relacionadas à incongruência entre o gênero biológico e de identificação (DSM, 2014). Juntamente a isso há também questões psicológicas, que envolvem a autoaceitação, atrelado às influências do âmbito social, nesta são abarcadas as questões mais diversas, como por exemplo: o estigma, discriminação, preconceito, falta de apoio familiar, social e a dificuldade do acesso à saúde devido à falta de profissionais capacitados para trabalhar com o atendimento a pessoas trans (Braz et al., 2020).

Frente a isto, ao realizar-se uma ligação entre o luto não legitimado e pessoas transgêneros durante o processo de adequação de gênero, é perceptível que se trata de um tema que abrange questões sensíveis e complexas a serem trabalhadas. Onde a psicologia, ao discutir e abordar o assunto, busca dedicar-se a esta temática de forma que possa trazer maior compreensão acerca do tema na atualidade (CRP, 2019).

A pesquisa busca compreender as complexidades de tal luto e suas respectivas implicações devido ao não reconhecimento, visando melhorar o suporte psicológico, aumentar a conscientização pública e promover a inclusão social das pessoas transexuais. Promovendo a melhora do apoio psicológico sobre seus desafios e promover uma desestigmatização acerca do público trans (Ministério da Saúde, 2015). Pretende-se também apresentar, a partir da perspectiva de pessoas transgêneros, aspectos a serem discutidos e trabalhados na práxis da psicologia e sua relação com a transexualidade no acolhimento do luto.

Trabalhar o tema do luto não legitimado de pessoas transgêneros no processo de adequação de gênero envolve uma série de objetivos importantes que visam melhorar o bem-estar e a compreensão dessas pessoas, bem como promover a inclusão e a igualdade.

## 2. Histórico do Luto e suas Definições

O luto é caracterizado por um processo que faz parte da história humana desde a antiguidade. Ao longo da história, diferentes atitudes culturais e religiosas, de múltiplas civilizações, realizavam diversas práticas e rituais para honrar e lastimar a morte de seus entes. Frente a isso, costumes diferentes, como da era egípcia e mesopotâmica, realizavam cerimônias fúnebres elaboradas, que incluíam embalsamento do corpo, construção de túmulos e realização de rituais religiosos que garantiriam a vida após a morte. Acreditava-se que o luto, de maneira adequada, era necessário para honrar o falecido e demonstrar respeito. Porém, esses costumes variam de uma cultura para outra, onde geralmente são prescritos pela religião (Papalia, 2013).

O termo "Luto" deriva do latim "*Luctus*", que carrega consigo o significado de um sentimento de tristeza em decorrência da morte de alguém, dor e angústia. Portanto, refere-se ao processo que ocorre após o reconhecimento de uma perda, que era significativa para a pessoa e que o luto irá contribuir para a elaboração do sofrimento da perda significativa que se apresenta (Cavalcante, 2020).

Conforme observado por Sampaio e Miranda (2019), pesquisas sobre rituais humanos têm mostrado que mudanças ao longo da vida, incluindo a morte de um ente querido, precisam ser sinalizadas e pontuadas para que esses eventos recebam a devida consideração. Além disso, segundo Souza (2019) o significado e a função dos rituais fúnebres devem ser funcionais (ou benéficos) para articular o que significa perder alguém importante. Acredita-se que o caráter expressivo do ritual torna possível descrever o inexpressável, inspira o trabalho do luto e desempenha um papel importante no desenvolvimento de maturidade social e psicológica. Destaca-se que poder materializar a experiência de perda pode proporcionar aos entes enlutados, apoio cultural e uma compreensão compartilhada da morte, socialmente reconhecida (Souza, 2019).

### 2.1 Histórico do movimento LGBT

Em um segundo viés, o movimento em defesa dos direitos dos indivíduos LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais) surgiu como forma de luta por direitos humanos. O movimento surgiu na Europa durante o final do século XX. Sua principal causa era evitar a criminalização da homossexualidade e lutar pela plena igualdade de direitos civis para as diversidades sexuais e de gênero (Oliveira, 2020).

Segundo informações da Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania (2014), a Organização das Nações Unidas (ONU) proclamou em 1948 a Declaração Universal dos Direitos Humanos, reconhecendo o direito de cada indivíduo à liberdade, à vida e à segurança pessoal. Esses princípios também estão presentes na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que estabelece a autoridade humana como um dos fundamentos e objetivos fundamentais do país. Além disso, a Constituição Federal visa promover o bem de todos, sem qualquer forma de distinção baseada em origem, raça, sexo, cor, idade ou quaisquer outras formas de identificação (Oliveira, 2020).

Nos Estados Unidos da América, entre as duas guerras mundiais, começou a se desenvolver um movimento gay, paralelo à sociedade, principalmente nas grandes cidades. Após a Segunda Guerra Mundial, na intolerância do macarthismo<sup>1</sup>, as pessoas eram socialmente "condenadas" e "suspeitas" devido à sua orientação sexual. Nessa mesma época, foram criadas as primeiras associações de defesa das "minorias oprimidas", uma das primeiras foi a *Mattachine*, estabelecida em 1950 por Harry Hay e Chuck Rowland. Com o passar do tempo, associações sociológicas e psicológicas passaram a se debruçar sobre a questão, buscando separá-la da anormalidade e da doença. Em 1973 a Associação Psiquiátrica Americana excluiu a homossexualidade de sua lista de "distúrbios" (Declaração de 1948, 2018).

---

<sup>1</sup> formulação de acusações, especialmente de natureza político-ideológica, sem as devidas provas (Infopédia, 2023).

Durante as décadas de 1990 e 2000, a luta pelos direitos LGBT ganhou maior visibilidade e apoio, especialmente no contexto político e jurídico. Houve conquistas em diversos países, como a legalização de parcerias civis e casamentos entre pessoas do mesmo sexo. Além disso, ocorreram avanços na legislação antidiscriminatória e no reconhecimento da identidade de gênero para pessoas trans. Essas transformações representam marcos importantes na busca pela igualdade e inclusão da comunidade LGBTQIAPN+ (Cabette, 2017).

A história das pessoas transgênero no Brasil é marcada por desafios, resistência e avanços ao longo do tempo. No século XIX, o Brasil passou por um período de urbanização e industrialização, e algumas pessoas transgênero passaram a se organizar em comunidades urbanas, embora ainda sofressem discriminação e perseguição. Durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), houve um aumento na repressão e perseguição de grupos LGBTQIAPN+ em geral, incluindo pessoas transgênero. Muitas vezes, eram considerados "desviantes" e enfrentavam violência policial (Deak, 2014).

Diante da violência e discriminação que a população trans vivia, a fim de gerar um bem estar e uma conquista à comunidade, foi aprovado o Projeto de Lei (PL) 2.745/2019 Legislação e Direitos no Brasil que permite que pessoas transgênero alterassem seu nome e gênero nos documentos de identificação sem a necessidade de cirurgia de redesignação sexual. Juntamente a isto, o Supremo Tribunal Federal (STJ) decidiu que a discriminação, com base na identidade de gênero ou orientação sexual, trata-se de um crime (STJ, 2023).

No entanto, atualmente as pessoas transgêneros no Brasil continuam a enfrentar altos níveis de discriminação, violência e marginalização. O país registra alta taxa de homicídios desse público, sendo classificado como o que mais mata pessoas transgênero no mundo (Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 2022).

## **2.2 Luto não legitimado e suas definições.**

O luto não legitimado é classificado por aquele que não é considerado real, por tratar-se de “perda simbólica”, em que não há uma perda biológica e sim uma expectativa, uma autoimagem ou outros fatores e conceitos de cunho não biológico que permeiam a subjetividade humana. Desse modo, o luto não legitimado torna-se pouco abordado socialmente (Casellato, 2020)

Por não ser possível materializá-lo, ele torna-se algo mais complexo a ser trabalhado, e principalmente vivenciado, e por conseguinte faz com que os indivíduos não reconheçam em si mesmos essa passagem. Devido aos fatores supracitados, é corriqueiro que o processo de uma perda não legitimada se torne confuso, de forma que a incerteza faça com que as pessoas tenham dificuldades em se reestruturar e reorganizar suas funções e relacionamentos que incluem ou estão para além disso. Ao contrário disso, o que ocorre no processo de perda concreta, é que a pessoa tem ciência de que não poderá rever ou conviver com uma pessoa ou algo (Almeida & Silva, 2021).

## **2.3 A transgeneridade**

Ao considerar que o sexo de nascimento é apenas uma das diversas características de um indivíduo, faz-se necessário compreender que a identidade de gênero nem sempre é acompanhada pelo seu sexo de nascimento. É válido ressaltar também que gênero tem um cunho social, e vem pré-estabelecido socialmente, desde a realização de uma ultrassonografia, onde se pré-estabelece um comportamento esperado vinculado ao sexo em que a pessoa irá nascer (Jesus, 2012).

A identidade de gênero, segundo Almeida e Silva (2021), refere-se a forma como o indivíduo se reconhece e se apresenta socialmente, independente ao sexo biológico. É importante salientar que nem sempre uma pessoa transgênero é homoafetiva<sup>2</sup>, pois identidade de gênero se refere a forma como o indivíduo se apresenta socialmente, independente do sexo biológico e orientação sexual relacionado com o anseio emocional ou a atração sexual que uma pessoa sente por outra (Rios, 2009).

---

<sup>2</sup> pessoa que sente atração e/ou afetividade por indivíduos do mesmo sexo.

Entretanto, a Organização Mundial da Saúde (OMS,2019) descaracterizou a transexualidade como um transtorno mental apenas em 2019, na 11ª versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde (CID). Em uma nota publicada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), o mesmo informa a mudança realizada pela OMS e destaca que a psicologia de antemão à Organização Mundial da Saúde, já havia publicado a Resolução 001/2018, na qual orienta que todos os profissionais de psicologia não devem tratar a transexualidade e travestilidades como patologia (CFP, 2018). Pessoas que não se identificam como cisgêneros, ou seja, não se identificam com o gênero que lhe foi determinado em seu nascimento, passaram a ser conhecidas como transgêneros.

Segundo estudos de levantamento de dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2023) indivíduos transgêneros tendem a viver em média até os 35 anos, tendo em vista a alta vulnerabilidade em todos os âmbitos de sua vida. Como exemplo podem ser citados: o aspecto social, mercado de trabalho, expulsões de casa, rede familiar rompida, baixo apoio emocional e psicossocial, saúde básica e avançada afetadas e falta de capacitação dos profissionais para lidar com indivíduos e taxas de suicídio elevadas (Rodrigues, 2019).

A transgeneridade trata-se de uma questão de identidade pessoal de cada indivíduo e não de uma doença ou patologia. Não é consequência da formação ou desenvolvimento familiar da pessoa, também não há nexos causal direto da identidade de gênero com a orientação sexual dos indivíduos trans. Mas sim, de uma maneira como a pessoa se reconhece (Jesus, 2012).

#### **2.4 O Papel da Psicologia no Suporte ao Luto de Pessoas Transexuais**

O suporte psicológico desempenha um papel fundamental no contexto do luto não legitimado, vivenciado por pessoas transexuais durante o processo de adequação de gênero. A psicologia, como ciência dedicada ao estudo do comportamento humano e da mente, tem a capacidade de fornecer compreensão, apoio e intervenções necessárias para ajudar esses indivíduos a enfrentarem as complexidades desse processo (Piovesan, 2018).

Baseado em informações obtidas durante uma entrevista com o psicólogo Oswaldo Rodrigues, concedida à coluna "Entrementes", do Dr. Drauzio Varella, muitas pessoas transexuais buscam apoio psicológico devido a sensações de ansiedade, depressão e angústia, que, frequentemente, estão associadas ao luto não legitimado. Essas emoções podem emergir devido à pressão social, às expectativas não atendidas, bem como à dificuldade de navegar pelo processo de aceitação de uma nova identidade de gênero. O suporte psicológico oferece um espaço seguro para a expressão dessas emoções, permitindo que os indivíduos processem seus sentimentos de forma saudável (Oswaldo, 2021).

O luto não legitimado vivenciado por pessoas transexuais é multifacetado e único em sua natureza. Muitas vezes, envolve a perda não apenas de uma identidade de gênero anterior, mas também a perda da validação social dessa identidade. Almeida e Silva (2021) observam que o luto não legitimado é frequentemente categorizado como "perda simbólica". Isso significa que não se trata apenas de uma perda biológica, como a morte de um ente querido, mas também de uma perda de expectativas, identidades anteriores e a validação social de sua identidade de gênero escolhida. O luto não legitimado é, portanto, um processo mais complexo, muitas vezes acompanhado de confusão e incerteza.

Talone (2020) destaca a importância da validação das fases do luto não legitimado, pois isso contribui para torná-las mais compreendidas e aceitas pelo indivíduo, facilitando o processo de adaptação à nova identidade de gênero. Os profissionais de saúde mental desempenham um papel crucial em validar as experiências e emoções de cada indivíduo, reconhecendo a singularidade de sua jornada. Eles também podem oferecer orientação e apoio prático para ajudar as pessoas transexuais a enfrentarem os desafios específicos do luto não legitimado.

Além disso, a psicologia pode fornecer ferramentas e estratégias práticas para ajudar as pessoas transexuais a lidarem com o luto não legitimado. Isso pode incluir o desenvolvimento de habilidades de enfrentamento, técnicas de resolução de

conflitos internos e a promoção da resiliência psicológica. O suporte emocional e a psicoterapia podem ser elementos-chave no auxílio durante essa jornada desafiadora.

### 3. Metodologia

A metodologia empregada nesta pesquisa, que investigou o impacto do luto não legitimado no processo de adequação de gênero de indivíduos transgênero, foi conduzida com a metodologia de Grupo focal, que se trata de uma técnica de avaliação qualitativa, realizada com um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por um pesquisador visando a discussão de uma temática a partir de suas experiências pessoais. Essa prática tem como objetivo captar entre os participantes percepções entre ideais, sentimentos, pontos de vista, emoções que irão surgir mediante o contexto de aplicação e temática dos encontros realizados (Maria et al., 2021).

Para a divulgação e promoção do grupo, com foco a atenção a pessoas transgêneros, foi criada uma conta no aplicativo *Instagram*, com intuito de atingirmos a população foco. A divulgação foi feita por casas noturnas LGBTQIAPN+ e profissionais da psicologia da cidade. No convite divulgado havia um link que direcionava, a quem estivesse interessado, a um formulário *GoogleForms*, onde foram realizadas as inscrições de interessados em participar do grupo. A partir das inscrições entrou-se em contato com cada pessoa para agendamento de data, local e horário do grupo, 20 pessoas manifestaram interesse de participação.

Não foi feita distinção de gênero, renda e escolaridade. Foram selecionadas pessoas maiores de 18 anos. O grupo contou com uma média de 04 participantes, com a média de idade de 26 anos, ocorrendo às quintas-feiras, do dia 17 de agosto de 2023 e 24 de agosto de 2023.

A pesquisa foi realizada em forma de Grupo Focal presencial. Além disso, esse tipo particular de negociação também se mostra útil ao abordar questões delicadas, de natureza privada, em que é necessário o conhecimento das pessoas pertencentes ao grupo ou reconhecidos por elas para identificar informantes adequados para o estudo (Vinuto, 2012).

Para realização de coleta de dados, foi utilizado como disparador a música “AmarElo” do cantor Emicida (AmarElo; gravadora Laboratório Fantasma, 2019), com alguns trechos impressos em uma flyer para o acompanhamento enquanto era reproduzida a música como: “Num deixo quieto, num tem como deixar quieto. A meta é deixar sem chão quem riu de nós sem teto. Só eu e Deus sabe o que é não ter nada, ser expulso. Ponho linhas no mundo, mas já quis pôr no pulso. Permita que eu fale, Não as minhas cicatrizes, Elas são coadjuvantes. Não, melhor, figurantes. Que nem devia tá aqui. Ano passado eu morri. Mas esse ano eu não morro”, para discutir e debater sobre o luto não legitimado e a sua relação com os principais aspectos relacionados à psicologia. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas para análise.

### 4. Resultados e Discussão

O psicólogo Oswaldo, fundador e proprietário do Instituto Paulista de Sexualidade, em uma entrevista concedida a coluna *Entrementes*, aponta que, na maioria de seus atendimentos realizados em clínica com pessoas transexuais, esses, além de desconhecem sua própria condição, chegam ao atendimento alegando sensações de ansiedade e depressão, além de queixarem-se que essa angústia interna os acompanha desde cedo. Esse mesmo sentimento de agonia interna acaba gerando uma repressão de seus sentimentos e distorce a compreensão de seu lugar na sociedade (Oswaldo, 2021). Como resultado desse desconhecimento pessoal, e fatores psicológicos afetados, indivíduos LGBTQIA+ podem experimentar sentimentos de vergonha, culpa e repressão em relação aos seus desejos por pessoas do mesmo sexo ou à expressão de sua identidade de gênero (Carvalho, 2021). Esta perspectiva coaduna com o que foi dito pela pessoa A “*Na minha infância eu sempre procurei um lugar, os meninos me viam como uma ameaça para eles, tanto por parecer uma menina e por não ser igual a eles. Nas*

*meninas eu também não era igual a elas. E eu não pertencia a nenhum grupo. Até determinado momento, ninguém conversava comigo” (S.I.C<sup>3</sup>).*

A bibliografia anteriormente citada caracteriza essa percepção de A como disforia de gênero, evidenciando a ambiguidade de sentimentos sentida pela pessoa transgênero na infância, aliado a ausência de sensação de pertencimento social (MSD, 2023). Esse processo inter e intrapsíquico gera uma relação de causa e efeito entre a transição de gênero e o sofrimento psicológico, tornando este praticamente inevitável no presente contexto.

Concomitante a isso, a falta de reconhecimento social e cultural do luto não legitimado cria uma lacuna na compreensão e no apoio às pessoas transexuais. Pessoas trans, ao iniciar a transição de gênero, ou até mesmo o autoconhecimento como uma pessoa do gênero diferente ao seu nascimento, passam por esse momento de desconhecimento pessoal, sensações de não pertencimento a grupos, ou de serem socialmente julgadas por não se adequarem a um padrão preestabelecido (Calderari *et al.*, 2023), participante C aborda que *“de fato é uma questão de se sentir representado sabe, eu não me sentia como mulher, e não binário era tudo muito confuso, e quando eu me permiti ser um homem trans como possibilidade, ficou tudo mais claro” (S.I.C).*

Essa estigmatização social pode intensificar o processo de luto não legitimado, uma vez que pessoas transexuais muitas vezes se veem em um ambiente hostil onde suas emoções e experiências não são validadas. O preconceito e a discriminação contribuem para sentimentos de isolamento e alienação, tornando ainda mais difícil o enfrentamento do luto de maneira saudável (Menezes 2018).

Assim, como uma jornada de transição de gênero é um processo repleto de diversas vivências para uma pessoa, Braz (2020) aborda que as experiências experimentadas pela família também são muito sensíveis e podem influenciar de maneira positiva ou negativa nesse momento. O enfrentamento dos desafios do dia a dia, o compartilhamento de dúvidas e sentimentos podem fluir de forma mais harmoniosa quando há apoio por parte da família. Entretanto, o oposto também pode ocorrer se os valores e necessidades não forem compreendidos por outros membros, o que pode resultar em rupturas nos laços familiares (Braz *et al.*, 2020). Diante disso, C relata que *“no começo da minha transição foi um processo muito complicado pra mim, a minha família até hoje não aceitou, não falo com minha mãe e minhas irmãs, meus pais não fazem parte da minha vida há muitos anos” (S.I.C).*

O cuidado nas relações sociais, e, particularmente, nas relações familiares, pode exercer influência significativa no processo de saúde e adoecimento psíquico de indivíduos trans, com impactos tanto positivos quanto negativos. Sentimentos persistentes de mágoa, tristeza, abandono e solidão são experiências comuns entre esse público, tendo a família de origem como lembrança de uma fonte de promessas de cuidado não realizadas (Paulino, 2020). Assim como exposto por A *“eu ouvi do meu pai recentemente, que ele queria me ofender eu acho e disse ‘não, você nasceu de um jeito e pra mim você será sempre assim’ e sendo que não, que não sou homem, e esse foi o jeito que ele achou de me ofender naquele momento” (S.I.C)*

Assim, como apontado por Paulino (2020), as relações familiares que envolvem indivíduos trans, abarcam um sofrimento maior do que aqueles em famílias de indivíduos CIS. Independente de questões financeiras, culturais e ideológicas, a compreensão, cuidado e apoio familiar acabam sendo mais escassos, fato este que prejudica não somente a saúde psíquica de pessoas trans, mas também sua autoestima, e suas sensações de não pertencimento ao que deveria ser a base para qualquer pessoa.

Durante o processo de transição de gênero, que, geralmente, se torna mais evidente e frequente na juventude, ou no início da vida adulta, é comum que pessoas trans expressem sua identidade de gênero de várias maneiras (Paiva, 2022). Isso pode incluir a escolha de roupas, acessórios e comportamentos que refletem sua identidade de gênero, bem como o uso de pronomes e nomes sociais diferentes dos que foram atribuídos ao nascer. Essas ações são uma expressão, tanto pessoal quanto

---

<sup>3</sup> Segundo Informações Coletadas

pública, de sua identificação com um gênero que difere de seu sexo biológico (Oliveira, 2017). Mas, este processo não é algo fácil, como apontado no relato de B *“Em 2016 minha mãe acabou falecendo e eu fui morar com meu irmão, e a partir disso que eu consegui me entender um pouco mais, entender o que eu gostava de vestir. E foi um processo de repreensão muito grande por parte do meu irmão, porque eu não podia usar um boné, não podia usar camisa social, nada”* (S.I.C).

As famílias tendem a não compreender o processo de transição, ou até mesmo a falta de identificação da pessoa pelo gênero atual. Fator esse que dificulta o processo das pessoas a tornarem-se quem são, e deixando ainda mais doloroso os sentimentos de não pertencimento a uma sociedade que emprega algo desejado. Em muitos casos, a família torna-se incongruente com seu ente que deseja passar pela transição de gênero, de forma que diz não ter preconceito com tal grupo, entretanto, questiona e desvalida, constantemente, os desejos acerca da autoimagem da pessoa transexual (Vargas *et al.*, 2020).

Comumente, a discriminação em indivíduos que fogem aos padrões heteronormativos, impostos como comuns ou bons, afetam de maneira direta pessoas que buscam diariamente por aceitação e respeito da sociedade. Dentro das questões transexuais, essas dificuldades psicológicas tendem a trazer danos psíquicos graves, atrelados a alta vulnerabilidade em âmbitos sociais, no mercado de trabalho, expulsões de casa, rede familiar rompida, escasso apoio emocional e psicossocial, saúde básica e avançada afetadas, falta de capacitação dos profissionais para lidar com indivíduos, taxas de suicídio elevadas, juntamente com a falta de informações que afetam pessoas trans a compreender sua verdadeira identidade de gênero (Rodrigues, 2019).

Podemos observar esse fato no que foi relatado por B *“Para mim foi em um momento muito em específico, em que eu estava rolando o tiktok, quando vi uma pessoa, e ela disse que era uma pessoa não binária, explicou o que era a binaridade. Ela disse que não existe apenas um gênero, existem vários gêneros, e que querendo ou não, não está ligado ao sexo biológico, é uma construção social que se dispõe de várias formas e você não ter que se encaixar dentro de um padrão único”* (S.I.C). Concomitante a isso, muitas pessoas transexuais enfrentam a falta de apoio de familiares e amigos, o que as leva a recorrer às redes sociais em busca de respostas para suas questões pessoais. Essas respostas, frequentemente, representam um caminho para a libertação das dúvidas relacionadas à identidade de gênero, especialmente quando encontram pessoas que compartilham experiências semelhantes e compreendem os desafios que enfrentaram (Hanaue & Hemmi, 2019).

Participante A, também aponta a forma que conseguiu acesso a informações que ajudaram a se compreender melhor *“eu lembro que eu vi uma vez, eu tinha uns 12 anos, e vi uma matéria no fantástico de uma mulher trans delegada, que era Policial Militar e se tornou Delegada, e ela era trans, e fez todo o processo de transição dentro da polícia. E aquilo bateu em mim de uma forma que eu falei nossa. Mas precisamos de informações, precisamos ver em algum lugar, se ver, se enxergar”* (S.I.C).

Apesar de alguns avanços em termos de informação, maior liberdade e desenvolvimento de políticas públicas para a população transgênero, o acesso a informações esclarecedoras sobre questões que ainda não receberam atenção social suficiente continua limitada. Além disso, devido ao histórico de preconceitos e à complexidade de abordar essa questão de maneira aberta, as questões relacionadas à transexualidade permanecem exclusivamente invisíveis perante a sociedade. Essa invisibilidade tem consequências em suas vidas, levando a um sentimento de não pertencimento à sociedade (Carvalho & Barreto, 2021).

Segundo o autor Pittman (1977), a solidão significa um sentimento de estar separado dos outros, um sentimento de não totalidade, não pertencimento, tanto social, quanto emocional. Ademais, no tocante à deficiência nos relacionamentos, tanto sociais quanto afetivos, está ligada a carência de intimidade e falha de comunicação pessoal (Pinheiro; Tamayo, 1984). A solidão é uma experiência comum entre mulheres trans que enfrentam situações de invisibilidade, objetificação e exclusão em uma sociedade predominantemente cisgênero. A falta de afeto e oportunidades, seja nas esferas de relacionamentos afetivos, emprego, educação ou no contexto social, também se manifesta como uma forma de transfobia (Dandara, 2022). Além disso, é

relevante destacar a solidão, o isolamento social, o abandono familiar e o medo de expressar e viver sua sexualidade como tópicos de grande importância do ponto de vista psicológico (Silva *et al.*, 2023).

Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), estima-se que pelo menos 80% dessas mulheres não são vistas como possíveis parceiras para relacionamentos afetivos (Yamada, 2021). Relato da A, traz falas que demonstram essa situação: “*Sobre a questão da solidão, e a gente é muito vista com essa questão sexual, satisfação de fetiche. Dentro de 4 paredes você ouve até um eu te amo, mas ele não vai com você até a padaria ou andar perto de você. As pessoas dizem muito que não é transfóbico, mas não te vê como possibilidade afetiva*” (S.I.C). A sexualidade e o gênero são detalhados, intrincados e de profunda complexidade quando se trata de indivíduos transgêneros. A sexualidade engloba um amplo espectro de experiências cognitivas e comportamentais que vão muito além do ato sexual. Envolve afeto, toque, confiança, companheirismo, desejo, intimidação e diversos outros aspectos. O que faz parte do conjunto das necessidades humanas fundamentais e, dependendo de como forem vivenciadas, estão associadas à manutenção da saúde e à qualidade de vida. É crucial compreender a solidão, o sofrimento e a exclusão social que muitos transgêneros enfrentam.

O luto pode ser descrito como a resposta a uma perda significativa que ocorre quando alguém se separa de algo ou alguém importante. Esse aspecto é considerado uma parte natural e constante do desenvolvimento humano. No contexto da teoria freudiana, apresentada em *Luto e Melancolia* (1915), o luto não se limita apenas à perda de entes queridos, mas também pode ser desencadeado por eventos ou objetos que tenham um significado emocional profundo e semelhante ao da perda de um ente querido. O luto é conceituado como uma ocorrência emocional inerente ao ser humano que ocorre ao longo de sua vida (Santos et al, 2013).

Podemos atrelar essa teoria com o relato de C: “*Quando se referiam a mim no masculino com o meu nome morto, é uma sensação terrível, parecia que estava me despedaçando, me atacando, porque era uma sensação muito horrível. E quando eu defini meu nome como xxx<sup>4</sup>, eu decidi me sentir confortável dentro desse nome, eu consigo criar a minha identidade em cima desse nome, é quem eu sou e como eu me sinto bem*” (S.I.C). Sensações de desconforto, ansiedade, confusão e falta de validação, ocorrem com muita frequência em indivíduos trans. Dando um maior foco a falta de validação, é onde essas pessoas se deparam com o luto não legitimando, não sendo validados socialmente questões mínimas como respeito, empatia e compreensão. Essa falta de apoio básico, como respeito, é um dos maiores pontos abordados pelos participantes do grupo, inclusive um relato de B que descreve essa sensação de receber pouco respeito social: “*Parece que o mínimo pra gente já é o máximo, o nome é a principal e a coisa mais simples de você respeitar alguém. E o mínimo que a gente está pedindo, parece que para a outra pessoa é o máximo, e quando a gente recebe isso de graça a gente fica feliz, porque a gente não está esperando, é como se o mínimo pra gente fosse lucro, o que é triste na verdade*” (S.I.C). Esse trecho reflete a triste realidade de muitas pessoas trans que, frequentemente, sentem a falta de apoio e respeito em suas vidas. Muitas vezes, as coisas mais simples, como ser chamado pelo nome ou receber um mínimo de atenção, são fundamentais para o bem-estar emocional e a autoestima. Isso pode criar um ciclo triste, no qual as pessoas se contentam com o mínimo em termos de apoio emocional, quando ganham significa mais do que é para uma pessoa CIS.

Durante esse processo, foram identificados temas e padrões emergentes relacionados ao impacto do luto não legitimado, incluindo suas implicações na saúde mental e no bem-estar emocional das pessoas transexuais. É visível nos relatos coletados que a falta de legitimação e respeito, entre inúmeros outros fatores, traz a esses indivíduos sensações de não pertencimento, o que causa uma forte percepção de solidão, trazendo angústia, isolamento social, ansiedade e outros tipos de danos à saúde psicológica.

---

<sup>4</sup> Informação suprimida

## 5. Considerações Finais

A partir deste estudo, pôde-se observar questões onde pessoas transgênero tendem a ter dificuldades em praticamente todos os âmbitos abordados na pesquisa. questões sociais, familiares e afetivas geram sensações de não pertencimento a uma sociedade que traz a debates, questões sobre direitos e igualdades a todos, mas que em contraponto, são as que mais banalizam a conscientização social frente a população trans.

Ademais, a partir de informações adquiridas durante a pesquisa, a transgeneridade em uma ótica social, que prega a moralidade, traz como uma “escolha” dos indivíduos trans a não querer pertencer ao seu gênero de nascimento, o que também é vinculado a questões da homoafetividade, como se fosse uma regra homens e mulheres homossexuais, querer passar por uma transição de gênero, e aqueles que são heterossexuais, tendem ainda mais serem olhados como desviantes.

Uma pessoa ao se entender como transgênero, entra em uma série de questionamentos internos e externos. Começar a visualizar um corpo diferente ao que é visto desde a infância, imaginar como e quais mudanças querem realizar para que aquela agonia interna que sempre esteve presente, possa ser saciada aos poucos com as mudanças, a adequação do que a pessoa realmente é. Bem como os desafios que irão enfrentar, o acesso a medicamentos hormonais, médicos que de fato entendem e acolhem pessoas trans, apresentar-se aos familiares como uma pessoa diferente daquilo que sempre foi imposto que ela fosse. Pois tudo aquilo que se desvia de um padrão em que estamos acostumados, gera sensações de instabilidade ao que já estava alinhado para a família, mas em nenhum momento para a pessoa transgênero.

Viver em uma sociedade que julga tudo aquilo que acham ser imoral ou desviante de um padrão quase inexistente de fato, gera na pessoa trans, inúmeros sentimentos, confusões, angústias e outros malefícios que qualquer pessoa ficaria desestabilizada.

Tendo em vista todos os pontos apresentados acima, o luto interno de uma pessoa transgênero, torna-se não legitimado e invalidado perante a outras pessoas em que o sexo de nascimento se adequa a sua compreensão de ser. Desse modo, uma pessoa trans sofre diante a negação, em que seu sofrimento e todas as dificuldades, são caracterizadas como luto, em que muitas vezes a própria pessoa desconhece esse fato. Ademais, o impacto psicológico torna-se crucial para reconhecer a importância do apoio psicológico especializado, que leve em consideração as complexidades dessas experiências de luto.

Para confrontar os desafios sociais, e a estigmatização enfrentados por pessoas transexuais durante o processo de luto não legitimado, é fundamental promover a conscientização pública e a educação. A sociedade precisa ser informada sobre as questões específicas enfrentadas por esses indivíduos, bem como sobre a importância de respeitar e validar suas identidades de gênero.

A conscientização pública pode ajudar a reduzir o preconceito e a discriminação, criando um ambiente mais inclusivo e solidário para pessoas transexuais. A educação, tanto nas escolas como em outras instituições, desempenha um papel crucial na promoção da compreensão da diversidade de identidades de gênero e na desconstrução de estereótipos prejudiciais. Assim, aponta-se o fato da necessidade de pesquisas futuras que explorem ainda mais a complexidade do luto não legitimado em pessoas transexuais. Futuros estudos podem aprofundar a análise das estratégias e investigar como a inclusão de aspectos culturais e sociais podem influenciar o processo de luto.

## Referências

- Aguiar. (2020). *Habitando as margens: a patologização das identidades trans e seus efeitos no Brasil a partir do caso Mário da Silva (1949-1959)*. Ufsc.br, 2020.
- ANTRA. (2020). *Assassinatos de pessoas trans voltam a subir em 2020*.
- Borges, P. D. (2020) *A família e a dinâmica de suas relações no cuidado em saúde de transexuais*.
- Braz, D. et al. (2020) *Vivências familiares no processo de transição de gênero*. *Acta Paulista De Enfermagem*, 33.

- Carvalho, A., & Barreto, R. (2019) *A invisibilidade das pessoas LGBTQIA+ nas bases de dados: novas possibilidades na Pesquisa Nacional de Saúde*.
- Carvalho, R. *O que é homofobia internalizada?*
- Declaração 1948. *A luta LGBT nos Estados Unidos* - [www.declaracao1948.com.br](http://www.declaracao1948.com.br).
- Deak, A. *LGBT - Memórias da ditadura*.
- Calderari et al (2023). *Diversidade Sexual e de Gênero na Universidade Federal de Uberlândia: entre limites e potencialidades*.
- Dandara, M. *Visibilidade Trans | A solidão além das relações afetivas*
- Fábio, A. C. *A trajetória e as conquistas do movimento LGBTI+ brasileiro*.
- Casellato, G. *Luto por perdas não legitimadas na atualidade*.
- Guia de Orientação – Processo Transexualizador – CRP-PR.
- Hanauer, F. O., & Hemmi, P. A. (2019) Caminhos percorridos por transexuais: em busca pela transição de gênero. *Saúde em Debate*.
- INFOPÉDIA. macarthismo | Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa.
- Rios, A. R. (2009) Desdiagnosticando o gênero. *Physis* (2009).
- Jesus, G. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*.
- Oliveira, W. *A Historicidade do Movimento LGBTQIA+: OS Direitos Sexuais e a Discussão Sobre Cidadania*.
- Luiz Fujita Jr. *Entrementes #24 | Saúde mental da população trans*.
- Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, (5a ed.) *DSM-5 (2014)*.
- Maria, G. de O. C. *O grupo focal na pesquisa qualitativa: princípios e fundamentos*. *Revista Prisma*, 2021.
- Menezes et al. *LGBT e mercado de trabalho: uma trajetória de preconceitos e discriminações*.
- Michaelis (2023). *Luto | Michaelis On-Line*.
- Ministério da Saúde. *Transexualidade e Travestilidade na Saúde*, Brasília – DF 2015.
- MSD, 2023. *Manuais MSD edição para profissionais*.
- ONU, OMS retira a transexualidade da lista de doenças mentais.
- Orientação sexual e identidade de gênero — entenda! | *Vida Saudável* | Conteúdos produzidos pelo Hospital Israelita Albert Einstein.
- Papalia, D. e., & Feldman, R. D. (2013) *Desenvolvimento Humano*. *AMGH Editora*.
- Butler (2003). *Problemas de Gênero - Feminismo e Subversão da identidade*”, Judith Butler (2003) *SUJEITO E HISTÓRIA* Organização de Joel Birman. *Cursos de Extensão da USP*.
- Pinheiro, A., & Tamayo, Â. *Conceituação e definição de solidão*.
- Piovesan, J., Cerutti Ottonelli, J., Basso Bordin, J., & Piovesan, L. (2018) *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*.
- Renata. (2020) *Corpos transmasculinos, hormônios e técnicas: reflexões sobre materialidades possíveis*. *Cadernos Pagu*.
- Resolução CFM nº 1.482 /1997 (Publicado no D. O. U. de 19/09/1997 – Seção I – Pág. 20944)
- Resolução CFM nº 1.652/2002(Publicado no D.O. U. de 02/12/2002 –Seção 1 –Pág.80/81).
- Ribeiro, M. *Como funciona a hormonioterapia para mulheres trans*.
- Rios, A. R. (2009) *Desdiagnosticando o gênero*. *Physis*.
- Sampaio, C. M. (2019) *Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções*. v. 35.
- Senado Federal. [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf). artigo 24 pagina 406
- Senado Federal, (2019) <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=7950821&ts=1630424974577&disposition=inline>.
- STJ permitiu mudança no registro civil de transgêneros. <https://www.stj.jus.br/sites/portalp/Paginas/Comunicacao/Noticias/2023/29012023-Decisoes-do-STJ-foram-marco-inicial-de-novas-regras-sobre-alteracao-no-registro-civil-de-transgeneros.aspx>.
- Santos, Ê. R. N. (2018) *A transexualidade e o mercado formal de trabalho: reflexões sobre políticas públicas inclusivas e a responsabilidade social empresarial no Brasil*.

Transexualidade e Travestilidade na Saúde Brasília -DF 2015 *Ministério da Saúde*.

Talone. (2020) A força da memória: lembranças de situações de ferimento, tensão e morte. *Uerj.br*.

UNICEF. Declaração Universal dos Direitos Humanos (2019).

Vargas Barbosa, C. J., & Neto, S. A desconstrução da heterocisnormatividade: o reconhecimento da identidade de gênero dos transexuais para a “transparentalidade” ou “parentalidadetrans”.

Vinuto, J. (2014) A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa. *Temáticas*.

Yamada, C. *Revista Reprodução*. <https://revistaforum.com.br/lgbt/2021/6/21/quantos-conhecidos-ja-lhe-apresentaram-suas-namoradas-trans-99179.html>.

Zerbinati, J., Alves, M., & Bruns, T. Horizontes de compreensão acerca das transexualidades: a Psicanálise entre o olhar médico e queer.